

Rafaela Regina Pascuti Leal
PESQUISA, CONTEÚDO TÉCNICO
E PRODUÇÃO DE TEXTO

Leticia Carvalho Guerra
ILUSTRAÇÃO, RELEITURAS, PROJETO
GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Projeto desenvolvido no âmbito das Práticas Supervisionadas do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) durante o ano de 2024 em Roraima pela aluna Leticia Carvalho Guerra

UMA INTRODUÇÃO AO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Antes de mais nada...

O que não é arqueologia?

Ao contrário do que muitos pensam, a arqueologia não estuda fósseis de dinossauros e os(as) arqueólogos(as) não são aventureiros(as) numa "caça ao tesouro" como nos filmes do Indiana Jones.

E o que é arqueologia, afinal?

Arqueologia é uma ciência que estuda vestígios materiais da presença humana, sem limite de tempo, com o objetivo de entender o contexto das atividades humanas para construir ou reconstruir a história de determinada sociedade em um determinado período, entendendo suas mudanças, relações com outras sociedades e com o mundo.

A arqueologia é uma ciência interdisciplinar e possui diversas subáreas de estudo específicas, ou campos investigativos, como zooarqueologia, arqueoastronomia, geoarqueologia, arqueologia experimental, arqueologia funerária, bioarqueologia, arqueologia cognitiva, arqueologia subaquática, etnoarqueologia, arqueologia pública, arqueologia histórica, entre muitas outras.

Os(as) arqueólogos(as) buscam responder questões como: que grupos humanos viveram em determinado local no passado? Onde e como moravam? O que comiam e bebiam?

Que objetos produziam e utilizavam? Como e com o que se vestiam? Como descartavam seu lixo? Como cuidavam da higiene? Como enterravam seus mortos? Como se relacionavam com a paisagem? Como era o ambiente (temperatura, flora, fauna etc.) no passado? O que os grupos faziam de forma parecida? O que os grupos faziam diferente?

Um mesmo sítio arqueológico pode ser estudado a partir de abordagens de diversas subáreas e com objetivos diferentes, como investigar o significado, definir a cronologia, o repertório e a variabilidade de tipos, identificar afinidades culturais, dispersão espacial, conservação, entre outros aspectos. Os vestígios materiais que a arqueologia estuda podem ser coisas antigas ou recentes, grandes ou pequenas, móveis ou imóveis, utilizadas, reutilizadas e descartadas pelos seres humanos; podem ser objetos, construções, sepultamentos, paisagens, documentos escritos, imagens, história oral, entre muitos outros. O conjunto de vestígios materiais relacionados as atividades humanas de um determinado contexto é chamado de cultura material.

Uma pesquisa arqueológica é coordenada por um(a) arqueólogo(a) devidamente habilitado pela Lei nº 13.653/2018 e norteada por um projeto de pesquisa autorizado pelo IPHAN, além disso envolve trabalhos de campo (prospecção, coleta de dados, escavação etc.), de laboratório (curadoria, análise, datação etc.) e de gabinete (sistematização de dados, produção de relatórios, artigos etc.), juntamente com o trabalho de divulgação dos resultados para a comunidade local e para a comunidade científica.



E onde esse material coletado é guardado?

Todo material coletado em estudos arqueológicos fica sob responsabilidade de uma Instituição de Guarda e Pesquisa (museus, universidades etc.), responsável por conservar os materiais e garantir o acesso aos pesquisadores e à população em geral. Atualmente, o Museu Integrado de Roraima (MIRR/Secult) é a única instituição de guarda e pesquisa no estado, e está inapta desde 2015.

Os materiais são então retirados, higienizados e acondicionados (embalados de forma adequada) e seguem para o trabalho do laboratório

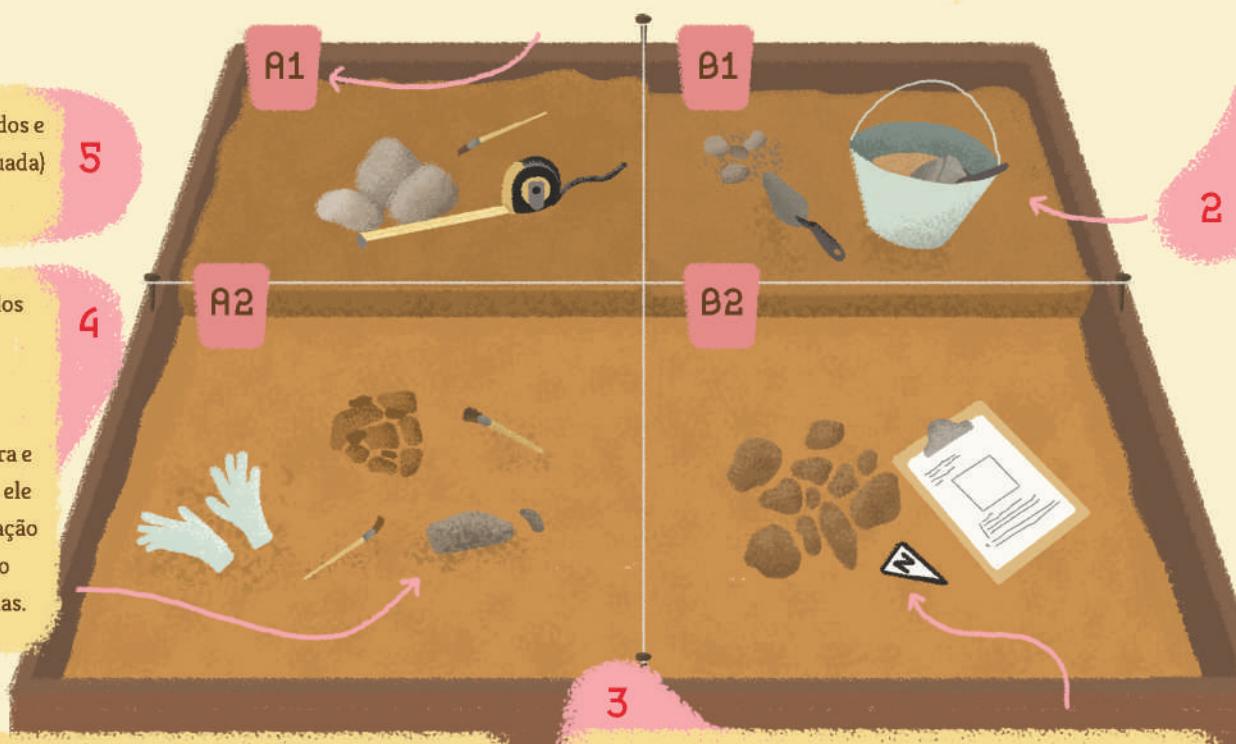
Alguns materiais são comumente encontrados nas escavações arqueológicas, outros são muito raros de ser achados pois têm rápida decomposição. Neste grupo entram os materiais de origem vegetal, como a madeira e as fibras. Observe este lítico na ilustração: ele foi a lâmina de um machado. Cabo e amarração já se decomposaram sob o solo. Fique atento aos tipos de materiais que compõem as fichas.

Contexto

O contexto se refere à situação em que o objeto ou a estrutura foi encontrado - local, forma como estava no solo, associação a outros artefatos ou estruturas, dentre outros dados. Estes dados são fundamentais para o estudo da arqueologia. Um objeto descontextualizado nos conta muito pouco sobre a vida no passado. Nas palavras da arqueóloga Luciane Scherer: "Todo contexto é integrado, tem um sentido. Processos culturais e não culturais transformam a paisagem em sítio arqueológico. Entender essas transformações é ser capaz de recuperar informações acerca das diversas culturas que passaram pelos mesmos e/ou diferentes locais, utilizando estratégias semelhantes e ou distintas ao longo do tempo."

E como acontece uma escavação arqueológica?

O espaço está demarcado em quadrados de 1,0 x 1,0 metros, os quais chamamos de quadrículas. Cada quadrícula recebe um "nome", composto por uma letra e um número. A lógica é a mesma dos quadrantes da batalha naval: cada coluna corresponde a uma letra e cada linha a um número. Assim, na imagem, vemos as quadrículas A1 (coluna A, linha 1), A2 (coluna A, linha 2), B1 (coluna B, linha 1) e B2 (coluna B, linha 2). Essa divisão é fundamental para que possamos saber, mesmo depois de terminada a escavação, em que o local do sítio estava cada um dos achados, o que permite estudar o contexto do vestígio, o qual pode fornecer uma série de informações acerca do modo de vida de determinado agrupamento humano.



Uma vez o(s) artefato(s) aparente(s) o pesquisador realiza o registro de como este(s) estava(m) no solo, considerando seu tamanho (escala), sua localização (quadrícula), sua orientação (em relação ao Norte) e sua associação com outros objetos e estruturas. Para isso desenham, fotografam, descrevem.

Releitura da obra "Escavação arqueológica" de Scherer. Fonte: Scherer, 2020b, p. 2. Releitura da obra da capa: ilustração de título e autoria desconhecida.

Para saber mais:

A Paleontologia é a ciência que busca entender a história da vida na terra pelo estudo dos vestígios de quaisquer seres vivos (inclusive os dinossauros!). Na ilustração da capa, podemos verificar a diferença entre arqueólogos e paleontólogos.

Uma vez o terreno dividido, os arqueólogos passam a retirar as camadas de terra que estão cobrindo os vestígios. Na maioria das vezes os artefatos não foram enterrados pelas pessoas, mas sim abandonados sobre o solo. Com o passar do tempo, os fenômenos naturais (erosão, vento, marés etc.) trouxeram sedimentos, como pó e areia, que cobriram os objetos e as estruturas. Mas é bom lembrar que algumas estruturas foram intencionalmente enterradas, como os sepultamentos, com rituais de acordo com cada grupo.

Um mesmo local pode ter sido habitado por diferentes grupos, e neste processo se formaram diversas camadas de objetos e sedimentos, uma sobre a outra. Neste caso, geralmente a camada mais recente é a mais próxima da superfície; quanto mais profunda a camada, mais antiga em relação às demais. Por isso a escavação deve ser feita de maneira cuidadosa para que possamos saber em que camada estava localizado cada objeto e cada estrutura.

Para este trabalho são utilizados materiais como colher de pedreiro, pincel, trincha (tipo de pincel largo), trenas, espátulas e palitos de madeira, baldes e peneiras. A idade de uma camada é definida a partir de exames laboratoriais, especialmente pelo método do carbono 14.

Já sobre os períodos ...

No Brasil, os estudos arqueológicos são divididos em dois períodos: o período pré-colonial (antes da chegada dos primeiros europeus) e o período histórico (após a chegada dos primeiros europeus), sendo esse último composto pelo período colonial (quando o Brasil era uma colônia de Portugal) e o pós-colonial (desde a independência até hoje).

No período pré-colonial, as populações não utilizavam a escrita – pelo menos não como é conhecida hoje; portanto, os achados arqueológicos são os únicos registros que possibilitam conhecer melhor esse período, além da história oral transmitida pelas populações tradicionais.

Já no período histórico, quando já existiam documentos escritos, os achados arqueológicos servem para corroborar ou confrontar a história escrita: afinal, "a escrita registra um olhar sobre a realidade, uma forma de ver e contar os fatos, pois é feita por uma pessoa ou um grupo de pessoas – os vencedores – que têm determinado lugar na sociedade, interesses, crenças, entre outros" (Scherer, 2020c, p. 10). Os locais estudados pelos(as) arqueólogos(as) são chamados de sítios arqueológicos, isto é, lugares com vestígios que indicam que foram habitados por populações humanas no passado.

Os sítios pré-coloniais e os sítios históricos se diferenciam por seus tipos e pelos vestígios que são encontrados. Há também os sítios conhecidos como multicomponenciais, ou seja, que foram habitados em diferentes períodos, possuindo vestígios pré-coloniais e vestígios coloniais. Os sítios pré-coloniais podem ser locais de sepultamento, habitação, oficinas líticas, entre outros. Neles, podem ser encontrados materiais cerâmicos, líticos (de "pedra"), fogueiras, restos de alimentação etc. Os sítios históricos podem ser domésticos, militares, religiosos, comerciais/produzidos, lixeiras, cemitérios, quilombos, assentamentos/aldeamentos indígenas, entre outros. Neles, podem ser encontrados cerâmica, louça, pedrneiras (pequena rocha para dar a faísca nas armas antigas), metais (projéteis, ferrolhos, facas etc.), material construtivo (tijolo, telha, lajotas, azulejos, pisos), vidro, restos de alimentação, moedas etc. É fundamental ter em mente que, no período histórico, três matrizes culturais conviveram e se influenciaram: a europeia, a indígena (dos povos que aqui estavam quando os europeus chegaram e que, apesar das muitas mortes em conflitos, seguem vivendo aqui) e a africana (dos povos que foram escravizados e trazidos ao Brasil pelos colonizadores) (Salvador, 2020).



Conforme destacado por Buco (2014, p. 22),

[...] os sítios arqueológicos podem ser uma oportunidade de conhecer as ações do cotidiano e o universo imaginário das antigas sociedades, bem como uma forma de preservar a memória desses grupos culturais que, em outras épocas, viveram suas vidas nesse território chamado Brasil, deixando suas marcas, suas histórias, enfim "a história brasileira".

Na arqueologia, um fator extremamente importante é o contexto dos materiais e/ou do sítio arqueológico. Isso porque, no contexto está boa parte das informações necessárias para se interpretar os materiais encontrados nos sítios. Por isso, é tão importante não mexer em nenhum sítio arqueológico nem coletar nada; é melhor apenas fotografar e anotar os dados de localização para informar um(a) arqueólogo(a). Outro conceito importante para a interpretação arqueológica, e que também tem relação com o contexto, é a tafonomia.

Tafonomia é qualquer alteração provocada por agentes naturais e/ou antrópicos (humano) que de alguma forma modifiquem o contexto arqueológico. Formas inadequadas de processamento de materiais em campo e em laboratório também são consideradas alterações tafonômicas (Scherer, 2020a, p. 68). A Tafonomia conta a história do vestígio desde que foi deixado pelos antepassados até sua descoberta pelos(as) arqueólogos(as). Processos culturais e não culturais transformaram a paisagem e o sítio arqueológico. Entender essas transformações e interpretá-las é ser capaz de recuperar informações acerca das diversas culturas que passaram pelos mesmos e/ou diferentes locais. (Scherer, 2020c, p. 10).

Esses vestígios são divididos em:

artefatos: objetos portáteis [que podem ser carregados de um lugar a outro] feitos ou modificados pela ação do homem. Por exemplo: uma vasilha de cerâmica, um machado lítico [feito em pedra], um colar em conchas.

estruturas: são conjuntos de objetos que estão dispostos de tal forma que podemos apontar sua função original. Por exemplo: fogueiras, muros, marcas de estacas delimitando a área de uma cabana, estruturas funerárias.

ecofatos: são vestígios que foram transformados pelo homem, mas não são considerados artefatos. Como exemplo: sobras de alimentação, como conchas e ossos de animais (Scherer, 2020b, p. 1).

1 Agora é a sua vez! Descubra o caminho no labirinto para que o arqueólogo possa encontrar os ossos e elaborar seus estudos e pesquisas da melhor forma.

2 Abaixo temos uma ilustração representativa de um vestígio conhecido como urna funerária pelos arqueólogos. Marque com um X em qual categoria se encaixa.

Agora nos conte: existem urnas funerárias onde você mora? Vocês as reconhecem por outro nome?

Mire a câmera no Qr Code e nos responda!



Ou acesse:

<https://forms.gle/ie9zftDSZdtkhWw8A>

Se observar mais de duas opções, marque também e explique nas linhas abaixo!

